

---

## **Tour pelo meu corpo: discursos sobre racialidade e estética no conteúdo de Gabi Oliveira no Youtube<sup>1</sup>**

Rebeca Cristina Batista de Oliveira<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como proposta observar discursos sobre a estética negra compartilhada pela youtuber Gabi Oliveira no vídeo “Tour pelo meu rosto”. A partir do aporte da Análise do Discurso, investigamos como a influenciadora digital significa a sua estética atrelada com a experiência e a vivência de ser uma mulher jovem, negra e retinta numa sociedade racista e machista. A partir do pressuposto teórico de Orlandi (2005) que o ato discursivo constitui uma relação indissociável entre linguagem, sujeito e história, observamos como a memória de construção do belo de uma sociedade colonial e escravocrata se expressa no discurso da influenciadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; youtube; discurso; estética; racialidade; empoderamento.

### **OS INFLUENCIADORES**

A população negra, como uma classe de minorias no Brasil, não teve sua cultura significada e representada de forma positiva nas mídias de massa ao longo da história (Schwarcz, 2012; Gomes, 2020). Até mesmo porque não domina os meios emissores de mensagens representativas (Almeida, 2018). Em um contexto de sociedade midiaticizada, diante de um novo contexto de possibilidades comunicacionais que permitiu que pessoas comuns passassem à categoria de emissores de mensagens, jovens mulheres negras passam a utilizar as redes sociais para compartilhar suas vivências e suas dores na relação com os seus cabelos e relatar o processo de transição capilar e de aceitação da estética negra.

Stuart Hall (2011) traz a importância da interação dos sujeitos com o meio em que existem e convivem na construção de identidades. O ser humano constrói sua identidade a partir da relação com o outro, da percepção do que não é. No caso de indivíduos negros, essa construção passa por um processo comparativo com a estética a que somos expostos diariamente. Ao perceber a diferença, identifica-se como “não-branco”, mas a afirmação como negro é um processo construtivo e dialógico que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda da linha de Mídias e Processos Sociais do PPGCOM-UFJF.

---

perpassa várias áreas do saber e as relações inter e intrapessoais do indivíduo. Ser negro no Brasil, em meio à falsa democracia racial e marcada por um profundo preconceito racial de marca é “descobrir-se negro” (Souza, 1983) já que não consiste em “uma essência, mas um posicionamento” (Hall, 1996, p. 70).

Neste contexto e em uma sociedade cada vez mais midiaticizada em que a comunicação de massa é complementada por mídias interativas, como as redes sociais, os chamados influenciadores digitais ganham ainda mais importância na discussão sobre o tema. Karwahi (2016) define esses novos atores da comunicação nas redes como produtores de conteúdo cuja imagem online e offline é indissociável. “(...) os influenciadores constituem-se como marcas e, em muitos casos, constituem-se como veículos de mídia.” (p. 41 - 42).

A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 revela que a internet é um importante recurso para a obtenção de informações. Quase a metade dos entrevistados (49%) mencionou a rede mundial de computadores como meio para “se informar mais”. O web espaço ultrapassa o rádio e, pela primeira vez, fica em segundo lugar como meio de informação preferencial.

Dada a crescente influência da internet na vida cotidiana e à exposição cada vez maior aos criadores de conteúdo, em um cenário marcado pelo “[...] choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (Shirky, 2011, p. 50), jovens mulheres negras são alçadas à categoria de influenciadores digitais ao falar sobre suas vivências e sua relação com cabelos na arena pública da internet.

E é através das mídias sociais que muitas pessoas entram em contato com as pautas dos chamados “novos movimentos sociais” (Hall, 1960), como discussões identitárias sobre o racismo e o feminismo, por exemplo. Miranda e Domingues (2018) defendem que as mídias sociais se configuram como “as grandes arenas de debates públicos acerca dos incômodos decorrentes dos confrontos inerentes ao sistema-mundo capitalista atual.” (p. 25)

Motta, Bittencourt, Viana, 2014, p. 11 definem a categoria “youtuber”, ou seja, produtores de conteúdo para a plataforma de vídeos YouTube, como:

(Um sujeito anônimo, pelo fato de não ser celebridade das mídias tradicionais, o que lhe proporciona certa legitimidade perante os assinantes de seu canal (é uma pessoa anônima falando para outros anônimos). Por essa razão, é

---

reconhecido como líder, tornando-se, com o passar do tempo, uma celebridade midiática da internet.

Pessoas comuns têm a possibilidade de serem alçadas ao estrelato dentro de nichos específicos e passam a ser vistas como especialistas no assunto. Passam também a emitir mensagens de representação sobre o grupo a que pertencem; no caso das youtubers escolhidas para este estudo de caso, são mulheres negras falando de suas vivências para outras mulheres negras. Criam discursos que são atravessados por suas vivências enquanto mulheres, jovens, negras e que optaram por assumir seus cabelos naturais, sem processos que alterem a estrutura física de seus fios e por valorizar a estética negra.

Os sistemas de representação acionados por essas mulheres têm o poder de construir lugares a partir dos quais suas espectadoras podem se posicionar e a partir dos quais podem falar de suas próprias vivências (Woodward, 2000). Os discursos por elas acionados são importantes para o reconhecimento de pautas políticas que as espectadoras reclamam para si de acordo com a identificação que podem sentir com as emissoras de mensagens comunicacionais. A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

## **FORMAÇÃO DE IDENTIDADES E IDENTIFICAÇÕES**

O racismo estrutural é uma forma de manutenção das estruturas que privilegiam um grupo (branco) em detrimento do que se manifesta de forma diferente do padrão hegemônico. Não se trata de um comportamento individual ou de grupos isolados, mas de um sistema intimamente ligado à própria formação dos Estados, à organização política e econômica da sociedade em que vivemos. “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.” (ALMEIDA, 2019, p.15). O colonialismo, racismo científico, movimento de eugenia, gentrificação das grandes cidades no século XX, encarceramento em massa da população negra e a guerra às drogas são movimentos de Estado que demonstram como os maiores atos de racismo no país foram feitos dentro da legalidade e apoio moral dos principais líderes da nação.

---

Essa estrutura está intimamente ligada ao fato de que quem detém o poder é o homem branco e é a partir dele que são construídos também os padrões de beleza. Explica GOMES (2020):

Por uma pressão psicológica visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia “racial” de um grupo sobre os outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiúra do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em seu favor.

Este padrão é reforçado diariamente pela mídia tradicional, através de publicidade de cosméticos, da construção do belo por meio da projeção dada a atores sociais que correspondem à norma e da publicidade de cosméticos que, historicamente, retrataram a estética negra como algo ruim e sujo, a ser modificado.

A construção da identidade está diretamente ligada com a interação social e o meio em que se vive. No Brasil, a identidade dos negros é construída a partir do momento em que o indivíduo se enxerga como “o outro”, uma vez que não se vê representado nas principais estruturas detentoras de poder social. Sobre a representação da mulher negra, hooks (2005) explica que “todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo”.

Este ambiente começa a se modificar a partir da luta do movimento negro e devido ao desenvolvimento da internet e das ferramentas de criação de conteúdo. “O ciberespaço torna disponível um dispositivo comunicacional original, já que ele permite que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum.” (LEVY, 2009). “Pessoas comuns” passam a emitir mensagens que podem contrapor ao discurso veiculado nas mídias tradicionais e compartilhar vivências e aprendizados com uma comunidade virtual.

## **A CONSTITUIÇÃO DO BELO**

Araújo (2012) explica que a aparência dos negros também era levada em questão na hora de escolher quais escravizados iriam para a lavoura e quais iriam para dentro da estrutura familiar. Os negros de pele mais clara e cabelo mais liso “valiam” mais dinheiro aos senhores. “Os negros internalizaram essa noção de que os de pele mais

---

escura e cabelo crespo e volumoso seriam menos atraentes, menos inteligentes e valiam menos do que seus irmãos e irmãs de pele mais clara.” (p.119)

Os cabelos cacheados e crespos, nariz largo, tez escura, arcada dentária proeminente, lábios grossos, entre outras características, são conhecidos como “traços negróides”, comuns entre pessoas negras e, portanto, alvo de “preconceito de marca”, definido por Nogueira (2007) como:

(...) uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; (p. 290)

A construção do conceito científico “raça” e as diferenças entre povos brancos e não-brancos foram um dos principais assuntos debatidos no Congresso Universal de Raças, que ocorreu em Londres em 1911. Souza e Santos (2012) fazem um resgate histórico e sociopolítico do evento e mostram como a manutenção do sistema colonialista e imperialista estava diretamente ligada à ideia de “harmonia e paz entre diferentes civilizações”, de modo a evitar revoltas de povos nativos e racializados e promover “o contato, o conhecimento e controle” dos povos colonizados para as grandes potências mundiais.

A corrente que, mais tarde foi ressignificada e conhecida como “racismo científico” levou muitos antropólogos a viajar para colônias a fim de fotografar e coletar dados antropométricos para identificar supostas variações ou padrões anatômicos e fisiológicos entre os diferentes ‘tipos raciais’. Um dos casos mais famosos desta época foi a de Saartjie Baartman, mulher negra do povo khoisan, conhecida como “vênus hotentote”, exibida como aberração no Picadilly Circus e que teve sua genital retirada, preservada e exibida após a sua morte. Explica Braga (2020, p.40) que “as diferenças raciais foram a princípio objeto de espetáculo, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica”.

Um dos representantes brasileiros no Congresso, Dr. João Baptista de Lacerda, apresentou um texto que tratava da miscigenação racial no Brasil e do processo de branqueamento da população mestiça.

Descrevem Souza e Santos (2012, p.754)

---

Embora fossem descritos como moralmente voluptuosos e pouco afeitos ao trabalho braçal, Lacerda entendia que os mestiços do Brasil eram “intensamente inteligentes” e teriam “disposição para as letras, para a ciência e para a política”. (...) E, num tom comemorativo, concluía que o Brasil caminhava para ser “um dos principais centros da civilização do mundo”

Os estudos de Lacerda estavam em consonância com a política de branqueamento promovida pelo Estado brasileiro. A onda de incentivo de imigração europeia visava o desenvolvimento da população a partir da miscigenação e a gradual eliminação da população negra (SCHWARCZ, 2012)

A partir do resgate feito por Gilberto Freyre sobre anúncios de classificados de jornais para venda de pessoas escravizadas, Braga (2020, p. 64) traça uma linha do tempo da construção do ideal de beleza e branqueamento no Brasil e sugere que houve um processo de seleção eugênica e estética no momento de aquisição dos escravos: “os anúncios, em geral, estiveram, durante todo o período que circularam, mais atentos ao corpo escravo do que com suas habilidades ligadas ao trabalho em si.”

O colonialismo, racismo científico, movimento de eugenia, gentrificação das grandes cidades no século XX, encarceramento em massa da população negra e a guerra às drogas são movimentos de Estado que demonstram como os maiores atos de racismo no país foram feitos dentro da legalidade e apoio moral dos principais líderes da nação.

Com a luta de movimentos sociais, como os Pantera Negra nos Estados Unidos e o Movimento Negro Unificado aqui no Brasil, a valorização estética passou, lentamente, a ser incorporada na luta antirracista. Movimento este que foi assimilado por influenciadores digitais na pós-modernidade, que ressignificam a estética negra atrelada ao mercado e ao consumo. Explica Braga (2020, p. 22): “trata-se de uma beleza multiplicada pela pós-modernidade, em sua roda-viva cotidiana com a mídia, a moda, o mercado, a política, o consumo e a globalização”.

Dito isso, o *corpus* de análise deste artigo propõe-se a mostrar como uma das maiores influenciadoras digitais que fala sobre estética negra significa seu próprio rosto e racialidade em discurso.

## **CORPUS DE ANÁLISE**

A Análise do Discurso é uma disciplina que propõe um confronto entre o político e simbólico, interpelados pela historicidade. “Em suma, a Análise do Discurso

visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2020, p.26). Braga (2020, p. 25) defende que a AD passa por momentos de ruptura, deslocamentos e desafios desde as primeiras formulações feitas por Pechêux. A revolução audiovisual potencializada pelas grandes mídias exigiu que o discurso fosse considerado a partir de uma perspectiva sincrética, “fazendo com que o discurso verbal desse lugar a materialidades diversas”. Courtine (2011) faz uma análise da história da discursividade do corpo, conceito mobilizado por Alves (2020) na proposta para incluir a corporeidade e seus gestos na materialidade discursiva.

A partir da análise das materialidades apresentadas no vídeo (corporeidade, imagem, ambiente, fala, escritos, cenário e sonoridades), busca-se verificar quais discursos atravessam a fala de youtubers sobre a estética de mulheres negras e quais imagens evocam.

Gabriela Oliveira, conhecida como “Gabi de Pretas” no Youtube, é uma influenciadora digital do Rio de Janeiro que acumula mais de 1 milhão de seguidores em suas redes sociais. Ela é formada em Comunicação Social e começou a produzir conteúdo para a internet em 2015, que categoriza como “estilo de vida e questões étnico-raciais”. Seu canal integra o programa Creators For Change, da Google, que impulsiona e patrocina canais do Youtube que discutem temáticas que promovem “impacto e mudanças na sociedade”, de acordo com o blog da iniciativa<sup>3</sup>.

O conteúdo a ser analisado é o vídeo “Tour pelo meu rosto”<sup>4</sup>, uma adaptação da tag (categoria de vídeo replicada por diversos criadores) “tour pelo meu corpo”, trazida para o Brasil pela Youtuber Luiza Junqueira do canal “Tá Querida”. Postado no Youtube, acumula 1.035.257 visualizações até a data de redação deste artigo.

O vídeo é gravado do ponto de vista de um espelho, com imagem fechada no rosto de Gabi. Em alguns trechos há sobreposição de imagens -fotos de publicações do Instagram- e zoom nos detalhes do rosto que ela cita no vídeo.

Ele é acompanhado da descrição:

A Luiza Junqueira, do canal Ta Querida, criou a TAG "Tour pelo meu corpo". Como para mim fazer um tour pelo corpo não tinha tanto sentido, decidi fazer

<sup>3</sup> Disponível em <<https://blog.youtube/news-and-events/introducing-youtube-creators-for-change>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

---

um tour pelo meu rosto. Um rosto de uma mulher negra, com traços negróides, nariz grande, boca larga, pele escura. Confesso que esse foi um vídeo difícil de ser gravado. Mas eu espero que ajude mulheres como eu. (OLIVEIRA, 2018).

A princípio, ela justifica a mudança do tema “tour pelo meu corpo” para “tour pelo meu rosto”: “eu tive que repensar essa tag pro meu contexto. Eu confesso que um tour pelo corpo não faria muito sentido pra mim porque eu tenho um corpo considerado dentro dos padrões e essa nunca foi muito uma questão. Mas eu lembrei de algo que hoje é super exaltado aqui nesse canal, mas que foi e, às vezes ainda é, sinônimo de dor. Todos os traços do meu rosto.”

Gabi justifica dizendo que tem “traços negróides”, como a pele retinta, nariz largo, lábios grossos, gengiva escura e arcada dentária protuberante e que precisou passar por um processo de aceitação e valorização de sua estética. Com o vídeo, diz esperar inspirar mulheres como ela.

A partir de Orlandi (2008), Modesto (2021) descreve como sendo os três momentos imprescindíveis dos processos de produção do discurso:

- A constituição – a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- A formulação – a partir de condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas;
- A circulação – a partir de certa conjuntura e segundo certas condições.

Todo discurso pressupõe um já-dito que possibilita a possibilidade de dizer e de compreender o que está sendo enunciado. Trata-se do interdiscurso, segundo Orlandi (2005), que faz com que os sujeitos da interlocução compartilhem uma ligação com a memória. É a partir deste contrato de memória que o enunciador/interlocutor estabelecem sentidos, a depender da filiação discursiva de cada um nesta rede de memória.

Modesto (2021, p.9) sustenta que os discursos de pessoas racializadas são atravessados justamente pela memória dos processos sociais e históricos de racialização.

Os quais se manifestam não apenas nos dizeres e imagens específicos de/sobre raça, mas também nos dizeres e imagens que dissimulam seu atravessamento racial, apesar das condições sociais e históricas de uma formação social capitalista e de origem colonial nas quais se inserem.

No processo de formação de discurso de Gabi no vídeo analisado, percebemos que ela fala de um lugar de uma pessoa que sofreu alguma opressão estética que não



---

está ligada necessariamente ao formato de seu corpo, mas de traços de seu rosto. Sofreu o preconceito de marca do qual fala Nogueira (2007). Trata-se de uma fala histórica e sociologicamente localizada na formação do povo brasileiro a partir do período colonial. Como explica Braga (2020, p.34) a partir das considerações de Nabuco (1952, p. 232), “as marcas do período escravocrata inundam nossa formação enquanto povo, enquanto nação, estão estampadas em nosso corpo, em nossa língua, em nosso tato”.

O corpo das mulheres negras no Brasil foi exotizado e eventualmente tido símbolo sexual a ser alcançado para despertar desejo: com nádegas salientes, seios fartos e cintura fina. Braga (2020) explica, através dos recortes de Freyre (1933) a preferência dos brancos de Minas Gerais por negras Mina: “africanas não só de pele mais clara, como mais próximas em cultura e ‘domesticação’ dos brancos”. Enquanto os traços negróides eram tidos como demérito, algo a ser escondido e modificado, visto que não correspondiam a um padrão de beleza eurocêntrico.

A questão das marcas de racialidade é reativada ao longo de todo o discurso veiculado em vídeo:

“O meu [nariz], como vocês podem ver, é bem largo, não tem ponta fina e quando eu sorrio, olha só o que acontece, ele se abre, obviamente.” (OLIVEIRA, 2018)

“ Em pessoas de pele escura o nariz é o que por muitas vezes acrescenta mais um peso.” (OLIVEIRA, 2018)

“Olhos escuros são tão pouco valorizados”(OLIVEIRA, 2018)

“ Meus lábios são pra frente, bem carnudos e tem duas cores olha só. O fato da minha arcada dentária ser pra frente muitas vezes me impediu de tirar fotos de lado.” (OLIVEIRA, 2018)

“Agora vamos a nossa tão famosa gengiva. No vídeo respondendo à haters eu já comentei sobre ela que eu amo essa gengiva uma marronzinha, sério eu acho muito muito bonitinha.” (OLIVEIRA, 2018)

Gabi constrói seu discurso sobre sua identidade a partir da alteridade e da diferenciação de características com pessoas brancas ou negras de pele clara, ou a partir da percepção de seus espectadores sobre suas características.

Eu entendo quem comenta essas coisas, porque afinal uma das características de quem tem mais melanina é uma pele mais lisinha com menos poros, até está ótimo, mas ainda é a pele escura a mais temida. (OLIVEIRA, 2018)

---

Essa é uma característica que na verdade eu nunca tinha visto problema algum até chegar na internet e receber vários e vários relatos de mulheres que falaram que passaram a aceitar melhor a gengiva delas a partir do momento que viram a minha imagem e eu mostrando um sorriso largo. OLIVEIRA, 2018)

Mais um detalhe é que eu vivo recebendo mensagens de "como eu queria ter a sua pele ou como eu queria ser escura igual a você". Eu entendo quem comenta essas coisas, porque afinal uma das características de quem tem mais melanina é uma pele mais lisinha com menos poros, até está ótimo, mas ainda é a pele escura a mais temida. OLIVEIRA, 2018)

(...) porque afinal quem de nós nunca ouviu: "fulano teve sorte de puxar os olhos verdes do avô". Sorte? Essa não seria só mais uma característica? Bonita, sim, eu acho também, mas me digam, que faz os olhos claros estarem no topo do que é considerado bonito? Você já se perguntou isso? (OLIVEIRA, 2018)

Gabi relaciona sua experiência com sua estética a partir de um lugar de dor e de um processo de aceitação e ressignificação de seus traços fenotípicos.

Neste trecho, fala sobre como experiências de racismo a impediram de sorrir ou a fizeram desejar apagar traços de seu rosto a fim de ser mais aceita por uma sociedade que tem um padrão de beleza que não foi construído para pessoas que se parecem com ela.

O triste é saber que sim, em algum momento eu já deixei de sorrir por causa dele [o nariz]. Na infância meu nariz era o meu martírio, foram horas e horas usando o pregador pra ver se eu conseguia afiná-lo. Isso com 6, 7 anos. Esse nariz tão inofensivo que hoje considero que combina tanto com o resto do meu rosto, já foi motivo de muito choro e foi só na fase adulta que eu percebi que esse não é um problema só meu. Conversando com pessoas negras de pele clara a gente vê que o nariz por muitas vezes se torna o traço da dor, aquele que, se pudesse, seria apagado, afinado de qualquer jeito. (OLIVEIRA, 2018)

Ela também relata outro episódio de racismo em sua infância relacionado aos seus lábios e ao imaginário da “nega maluca”, expressão brasileira do chamado “black face”, representação exagerada, caricata e ofensiva de traços negros.

Outra coisa que eu lembro é que quando eu era criança eu era tão comentada pelo personagem negra maluca. Sim, esse tipo de representação afeta muito as crianças. Eu odiei o fato de ter lábios grossos por muito tempo por causa disso, mas hoje eu realmente amo os meus lábios. (OLIVEIRA, 2018)

Relaciona o sofrimento à quantidade de melanina presente na pele dos indivíduos. Quanto mais escura a pele, mais exposta está a pessoa às expressões racistas: “Basta ver uma pele escura na rua pra apertar o passo. Bastou ver a foto de um

---

menino de pele escura para relacioná-lo ao abandono. É a pele escura que mais atrai o ‘macaca’.” (OLIVEIRA, 2018)

Por fim, a partir de um processo de questionamento sobre a significação pejorativa de seus traços, Gabi propõe um posicionamento e uma ressignificação da estética para si e para seus espectadores.

Hoje eu olho pra isso tudo aqui, esse turbilhão de dor e aceitação, eu gosto do que o vejo, eu acho que tudo isso combina, sei que muitos de vocês também gostam. Mas eu já tenho 26 anos, esse processo começou muito tarde pra mim. Se aceitar não faz com que a estrutura não te afete, não me livra, não vai livrar minhas filhas, filhos e não livra nenhuma criança negra. Nós vivemos num país profundamente afetado pelo racismo, onde isso é bonito, isso é até aceitável, e isso daqui é horrível feio. Mas essas referências do que é bonito o que é feio não nasce com a gente, elas são aprendidas e nós podemos, sim, questioná-las e parar de reforçá-las. (OLIVEIRA,2018)

Trata-se de uma tomada de posicionamento, tal como sugerem Sousa (1996) e Hall (ano) a partir do ser negro, uma proposta de empoderamento sobre seus traços.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise das discursividades empregadas por Gabi Oliveira em seu vídeo “Tour pelo meu rosto” pode-se perceber um processo de ressignificação dos traços negróides e de valorização da estética negra, que nega o processo de constituição do belo mostrado por Braga (2020) no início deste trabalho.

A partir do interdiscurso de uma memória de uma sociedade colonial escravocrata, ela compartilha as dores relacionadas a seus traços e sua estética, marcados pelo racismo estrutural e preconceito de marca, mobilizados por Almeida (2018) e Nogueira (2007).

A ascensão de novas vozes, como Gabi, na emissão de mensagens através do YouTube, configura uma oportunidade a jovens mulheres negras para debater questões dos chamados “novos movimentos sociais”, como feminismo e movimento negro, bem como uma possibilidade de ressignificar sua estética a partir de um olhar de aceitação e orgulho. As influenciadoras digitais podem constituir-se como um veículo midiático importante para a formação de uma identidade pós-moderna.

---

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leusa. Livro do Cabelo. São Paulo: Leya, 2012
- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural (Feminismos Plurais) São Paulo: Editora Jandaíra, 2018
- ALVES, Wedencley. Análise do discurso: o discurso sobre corporeidade. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.24
- BRAGA, Amanda. História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas. São Paulo: EdUFSCar, 2020.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz - Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3 ed. rev. amp. São Paulo: Autêntica. 2020
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: Iphan, 1996, p. 70.
- HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. Trad. Lia Maria dos Santos. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba, Habana, jan – fev. 2005. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bellhooks/>>. Acesso em: 10 de nov. 2020
- KARWAHI, Issaaff. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: SAAD, E.; SILVEIRA, S. (orgs.). Tendências em comunicação digital. São Paulo: ECA/USP, 2016. p. 39-58.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009
- MODESTO, R. Os discursos racializados. Revista da ABRALIN, v. 20, n. 2, p. 1-19, 20 jul. 2021.
- MIRANDA, Ana Paula e DOMINGUES, Izabela. Consumo de Ativismo. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.
- Mota, B. S., Bittencourt, M., & Fernandes Viana, P. M. (2015). A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. E-Compós, 17(3). <https://doi.org/10.30962/ec.1013>
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, vol. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.
- OLIVEIRA, Gabi. Tour pelo meu rosto | Papo De Pretas. Youtube, 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>> Acesso em 01 ago.2021.

---

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983

WOODWARD, Kathryn.. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (7a ed., pp.7-72). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.